

PROJETO DE LEI N.º , DE 2003.
(Do Sr Deputado LOBBE NETO)

Dá nova denominação à Reserva Federal que especifica.

O Congresso Nacional decreta:

Artigo 1º - Passa a denominar-se “Parque Indígena do Xingu Orlando Villas Bôas” o Parque Indígena do Xingu, criado pelo Decreto n.º 50.455, de 14/04/1961.

Artigo 2º - Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação.

J U S T I F I C A T I V A

ORLANDO VILLAS BOAS, sertanista e indigenista, nasceu em Santa Cruz do Rio Pardo – São Paulo, em doze de janeiro de 1914. Realizou seus estudos primários, secundários e preparatórios em Campinas, no Colégio Atheneu Paulista e no Colégio Paulista em São Paulo.

Com seus irmãos Claudio e Leonardo tomou parte desde as primeiras atividades da vanguarda da EXPEDIÇÃO RONCADOR XINGU, criada pelo Governo Federal no início de 1943 com o objetivo de conhecer e desbravar as áreas mostradas em branco nas nossas cartas geográficas. Posteriormente foi designado Chefe da Expedição.

Com sua valiosa contribuição foram acelerados todos os trabalhos em andamento, possibilitando assim que fosse vencida a grande e difícil etapa Rio das Mortes – Alto Xingu. Na 2ª etapa, que foi ainda mais longa Xingu-Serra do Cachimbo-Tapajós, foram deixando no roteiro uma dezena de campos de pouso. Alguns desses campos – Aragarças, Xavantina, Xingu, Cachimbo e Jacaréacanga, foram mais tarde transformados em Bases Militares e em importantes pontos de apoio de rotas aéreas nacionais e transcontinentais pelo Ministério da Aeronáutica. Outros campos intermediários como Kuluene, Xingu, Posto Leonardo Villas Boas, Diauarum, Telles Pires e Krachacarône, tornaram-se postos de assistência aos índios.

Assim sendo, juntamente, com seu irmão Claudio, participaram de grupo formado por ilustres patrícios: Mal. Rondon, Dra. Heloísa Alberto Torres – Diretora do Museu

Nacional, Dr. Café Filho – Vice-Presidente da República, Brig. Raimundo Vasconcelos de Aboin, Dr. Darcy Ribeiro e José Maria da Gama Malcher – Diretor dos Serviços de Proteção aos Índios que, junto ao Presidente da República, pleiteou a criação do Parque Nacional do Xingu.

A criação desse PARQUE visava preservar a fauna e a flora ainda intocada da região, assim como, principalmente, resguardar as culturas indígenas da área.

No aspecto da fauna e da flora, a reserva procuraria guardar para o Brasil futuro, um testemunho do Brasil do descobrimento.

Considerando a descaracterização violenta porque vem atualmente passando a nossa natureza, este empreendimento mostrou-se mais do que louvável, uma vez que também, representava a única possível solução para a necessidade de se proporcionar o acolhimento das comunidades indígenas, contextualizando-as no seio da Nação Brasileira, que na época esforçava-se para realizar o projeto de integração nacional com a pacificação dos povos indígenas.

Ali a reserva mostraria ao Sul os últimos descampados e cerrados do Brasil Central – para através de uma transição brusca, mostrar ao Norte, com toda a exuberância, a Hiléia Amazônica, caracterizada pelas seringueiras, caucheiros, castanheiras e as gigantescas samaumeiras.

No aspecto do índio, em face da política tradicional brasileira, que era e é de sua integração à Sociedade Nacional, os irmãos Villas Boas, implantaram uma nova política indigenista que, basicamente, consiste na defesa dos valores culturais do índio, como meio de evitar a marginalização e o desaparecimento dos grupos tribais. “O índio só vive na sua própria cultura”, vem sendo desde então, o lema difundido. Esta nova política vem agora sendo esposada por etnólogos e entidades científicas, não só nacionais como estrangeiras. Os irmãos têm defendido essa política, através de conferências, artigos, entrevistas aos jornais, rádio e televisão.

Criado o Parque Nacional do Xingu, em 1961, Orlando Villas Boas, foi nomeado Administrador Geral. No exercício dessa função pôde melhorar a assistência ao índio, garantir a preservação da fauna e flora da região e reaparelhar os Postos de Assistência.

Ainda como administrador do Parque favoreceu a realização de estudos e pesquisas antropológicas e etnológicas, não só nacionais como de universidades estrangeiras. Autorizando, ainda, a filmagem documentária da vida dos índios, deu margem a um acervo valioso para o conhecimento de sua vida, da sua organização social e, principalmente, dos seus cerimoniais.

O Parque Nacional do Xingu, que teve sua denominação alterada pelo Decreto n.º 82 263, de 13 de Setembro de 1978, para Parque Indígena do Xingu, contava à época de sua criação com uma área total de 2.642.003 ha. Com a incorporação de duas novas áreas (Suyá e Batovi) passou a contar com a área total de cerca de 2,8 milhões de hectares.

Sua criação favoreceu a realização de estudos de etnologia, etnografia, linguística a pesquisadores nacionais e estrangeiros.

O PARQUE INDIGENA DO XINGU, situa-se ao Norte do Estado de Mato-Grosso, numa zona de transição florística entre o planalto central e a Amazônia. A região toda é plana, onde predominam as matas altas, entremeadas de cerrados e campos, é cortada pelos formadores do Xingu e pelos seus primeiros afluentes da direita e da esquerda. Os cursos formadores são os Rios Kuluene, Ronuro e Batoví. Os afluentes, os rios Suiá Missú, Maritsauá, Auaiá Missú, Uaiá Missú e o Jarina, próximo da cachoeira de Von Martius.

Vivem na área do Alto Xingu, aproximadamente, 4.500 índios falando 8 (oito) línguas diferentes. Dessas línguas, quatro (4) estão ligadas às quatro grandes famílias lingüísticas indígenas do Brasil e as outras são isoladas. Centros de estudo, inclusive a UNESCO, consideram essa área como sendo o mais belo mosaico lingüístico puro do país. As tribos que vivem na região são: KUICURO, KALAPÁLO, NAUKUÁ, MATIPÚ, MEINÁKU, AUETÍ, WAURÁ, IUALAPITÍ, KAMAIURÁ, TRUMÁI, TXIKÃO, SUIÁ, JURUNA, KAIABÍ, METOTIRE, MENGRÃGNONTÍ e KRANHACÃRONE. E, ainda, desconhecidas sem contato, mas que não estão se mostrando hostis: Uaicú, Agavotoguenro e Maritsauá.

Nos anos que se seguiram, os Villas Boas organizaram expedições que enfrentavam inúmeros perigos e desconfortos para chegarem até aos indígenas com o fim de trazê-los à sociedade xinguna. No primeiro contato com uma tribo, os seus componentes precisam ser vacinados, rigorosamente examinados, para que nenhum mal possa ser levado aos demais índios residentes no parque.

Os índios antes de saberem que as Expedições tinham intenção amigável, quase sempre hostilizavam os sertanistas, provocando sérios incidentes, tais como: as escaramuças Xavante na Serra do Roncador; o ataque Juruna na proximidade da aldeia; as flechas Suiá e por ocasião da mais recente expedição no território TXUKARRAMÃE (Jê Botucudo), nos seus trabalhos de atração, a prisão dos Villas Boas (Claudio e Orlando), juntamente com dois índios Juruna-Pausidê e Dudiga.

A tribo Txikão ofereceu séria resistência ao contato. A única maneira foi descer com um pequeno avião (3 lugares) numa várzea nas proximidades da aldeia, o que facilitou então a confraternização.

Por solicitação do Marechal Rondon e dispondo de informação aerofotométrica, fornecida pelo Serviço Cartográfico do Exército, os Villas Bôas posicionaram às margens do Rio Xingu (17.800 metros para o interior), o centro geográfico do Brasil.

O estabelecimento de campos de apoio e pontos de segurança do voo, na rota do Brasil Central, proporcionou à Aeronáutica Civil, substancial economia em horas de voo, principalmente nos cursos internacionais. E foram esses, sem dúvida, os objetivos que levaram à instalação hoje com aparelhagem moderna, dos núcleos de proteção ao voo de Aragarças, Xavantina, Xingu, Cachimbo e Jacareacanga.

Esse trabalho foi responsabilidade dos Irmãos Villas Bôas que a partir de Xavantina foram os realizadores de admirável marcha desbravadora, evidenciando também a locação dos pontos e dos campos pioneiros.

Todo esse trabalho foi feito mediante o pagamento de um pesado tributo, cobrado pelo sertão e suas áreas insalubres, resultado de muita renúncia pessoal e numa centena de malária registrada no corpo do sertanista.

Ao longo de sua profícua existência, teve a satisfação de ver seu trabalho no Parque Indígena do Xingu como importante ponto de referência para o resto do mundo, extrapolando as fronteiras do país e sendo honrado com o reconhecimento como um cidadão internacional, o que inclusive resultou na sua indicação para o Prêmio Nobel da Paz.

Em vista do exposto, e por estarmos preocupados em estabelecer medida à altura da necessidade de se impedir a desconstrução, ou efetuar o desmembramento e anexações de partes do atual Parque Indígena do Xingu, conclui-se que a presente propositura de fato, resulta em um desafio!

O desafio de fazermos o trabalho heróico que ele fez no passado e que nós temos que perseverar tanto no presente como no futuro: defendermos este legado tão fundamental, travarmos a luta em defesa das Comunidades e das Culturas Indígenas, que são o que há de puro, essencial e grandioso, o espírito vivo mesmo, de nossa Sagrada Nação!

Por isso, sinto-me muito honrado em propor a presente homenagem, acreditando na necessidade premente da adoção de um nome que é respeitado por todas as Nações Indígenas (Orlando era saudado pelos indígenas como “Pai dos

Índios”), como emblema dessa luta, capaz de gerar uma grande aliança nacional contra esta grave e ilegal ameaça de anexação de partes do parque.

Portanto, tratando-se de se prestar uma justa e merecida homenagem a este grande brasileiro que realizou tão imenso trabalho à Pátria, apresento o presente projeto de lei e, antecipadamente, conto com a irrestrita aprovação dos nobres pares.

Sala das Sessões, em

Deputado LOBBE NETO

Sábado, 14 de dezembro de 2002

Perdemos nosso pai", diz o cacique Raoni

O caiapó e dois guerreiros de sua tribo vieram dar seu adeus ao sertanista

JOSÉ MARIA MAYRINK

A ansiedade de Marina e de seus dois filhos, Orlando e Noel, dissipou-se num sorriso triste, expressão de alívio e gratidão, quando os três índios apontaram na rampa do Hall Monumental da Assembléia Legislativa, onde estava sendo velado o corpo de Orlando Villas Boas.

Eram 23h15. Umas 50 pessoas conversavam baixinho, ao lado da urna, que chegara duas horas antes, com algum atraso, do Hospital Israelita Albert Einstein.

Os índios não entraram logo no saguão. O cacique Raoni e os guerreiros Megaron e Bepcom, que vieram de avião de Brasília com o presidente da Fundação Nacional do Índio (Funai), Artur Nobre Mendes, ficaram parados por alguns minutos na rampa, olhando de longe a urna ladeada de quatro velas acesas, entre as bandeiras do Brasil e de São Paulo. Marina, Orlando e Noel foram ao encontro dos caiapós.

"Perdemos nosso pai", repetiam Raoni, Megaron e Bepcom, abraçando a mulher e os filhos do sertanista Orlando Villas Boas, como se estivessem consolando parentes queridos. Os índios enxugavam as lágrimas com um lençinho de papel, que passavam de um para outro, sem nenhum constrangimento por chorar. Os médicos Roberto Baruzzi e Rubens Belfort, voluntários em dezenas de expedições entre os índios, pela Escola Paulista de Medicina, juntaram-se ao grupo.

Cinco minutos depois, Raoni soluçava ao lado do caixão, passando a mão direita na testa do velho amigo com quem conviveu durante tantos anos no Parque Nacional do Xingu. De cocar de penas amarelas na cabeça, colar vermelho no peito e um saliente botoque no lábio inferior, o cacique apertava as mãos de desconhecidos, repetindo frases de saudade e adeus.

"Orlando me ensinou a língua portuguesa, e o seu irmão Cláudio também. Quando eu entendi o português. Ele contou a história dele e eu contei a história dos índios. Sempre

trabalhamos juntos para o meu povo no Xingu. Ele e Marina tratavam dos índios doentes e, quando um índio passava mal, ele mandava trazer para São Paulo...” Misturando português com a língua dos caiapós, Raoni resumiu nessas palavras um comovedora relação de mais de 50 anos de solidária amizade.

Sertanistas, médicos, ecologistas, funcionários da Funai, companheiros de expedições e parentes, todos só falavam da paixão dos irmãos Villas Boas pelos povos indígenas. “Impossível imaginar o Orlando sem uma gargalhada”, observou Rubens Belfort, olhando o corpo do amigo coberto de crisântemos brancos. Rosto sereno, as mãos um pouco roxas cruzadas sobre o peito, parecia que Orlando Villas Boas morreu sorrindo.

Vestia uma camisa xadrez azul e um pulôver cinza, a roupa que mandou buscar em casa, quando ainda imaginava que fosse ter alta no hospital. A jornalista Sônia Cristina Jourdani, amiga da família, que preparou o corpo para o velório, colocou nos bolsos dele a caneta, o pente e um lenço, do jeito que ele gostava. A calça jeans, que os flores cobriam, era a que ele costumava usar de manhã cedo quando ia tratar das rolinhas e das tartarugas no quintal.

“Uns dez dias atrás, papai me pediu para inventar uma desculpa – que tinha de ir ao lançamento do livro *O Xingu dos Villas Boas*, no dia 5 – para fugir do hospital”, contou o Vilinha, lembrando uma conversa com Orlando, quando ele deixou a UTI pelo tratamento semi-intensivo, num período curto de melhora. Logo depois, seu estado se agravou. Foi entubado no dia 6 e não teve mais consciência de nada.

Ao perceber que ia mesmo morrer, pediu à mulher e aos filhos que continuassem o trabalho dele. “Orlando morreu com a convicção de que fez tudo o que podia pelos índios e, pessoalmente eu acho que ninguém fez mais do que ele”, comentou Marina, companheira de luta do marido desde os anos 60, quando se conheceram no Xingu. Enfermeira, Marina começou cuidando de uma das 253 malárias do sertanista.

“Estou com o coração apertadinho, pois já tinha nascido e era amiga de Orlando fazia tempo, quando Marina se casou com ele”, disse Berta Nutels, filha do médico Noel Nutels, companheiro dos irmãos Villas Boas na Expedição Roncador-Xingu. Berta, que veio do Rio na véspera, estava duas noites sem dormir, mas não queria deixar o velório.

Parecia que todos se conheciam. Os fotógrafos José Pinto e Pedro Martinelli recordavam aventuras das selvas com os médicos Belfort e Baruzzi. O secretário estadual de Comunicação, Luiz Salgado Ribeiro, que também acompanhou expedições dos Villas Boas

como repórter do Estado, lembrou as dificuldades que enfrentava para fazer suas matérias chegarem ao jornal.

O ambientalista Emílio Pereira Lopes acertou com a família uma cerimônia simbólica em homenagem a Orlando. Queria colocar sobre o peito dele o colar da Ordem do Congresso Nacional, criada pelo seu avô, o deputado federal Ernesto Pereira Lopes, para homenagear personalidades da história do Brasil. “Getúlio Vargas e Juscelino Kubitschek receberam essa homenagem”, informou.

Uma delegação da Escola de Samba Camisa Verde e Branca chegou com uma bandeira bordada do desfile do carnaval de 2000. “Sertanista e Indigenista, sim. Por que não Orlando Villas Boas?” A presidente da escola, Magali dos Santos, falou da emoção de Orlando, quando sua epopéia foi exaltada no Sambódromo. Ele não parecia entender bem o enredo, lembrou uma amiga, mas de fato ficou muito contente.

A partir da 1h, uma guarda da Polícia Militar postou-se junto à urna. De 20 em 20 minutos, quatro cadetes da Academia de Barro Branco revezavam-se em posição de sentido, sob as ordens de um aluno-comandante. O governador Geraldo Alckmin determinou que Orlando Villas Boas fosse velado e sepultado com honras militares. O presidente da Assembléia, Walter Feldman, passou pelo saguão para apresentar os pêsames à família.

Depois que Marina e seus filhos se retiraram para repousar em casa, apenas um grupo de pessoas permaneceu no velório. O presidente da Funai, Artur Nobre Mendes, o sertanista Porfírio de Carvalho e mais três amigos ficaram conversando até às 4h30 sobre as aventuras e a importância de Orlando e seus irmãos no contato com os índios. Meia hora depois, quando a guarda de honra trocava de turno, eles também foram embora.

Duas mulheres, que haviam prometido a Marina aguardar a volta da família, ajeitaram uma flor vermelha na urna, sentaram-se na primeira fila de cadeiras vazias e passaram o resto da madrugada olhando, em silêncio, o rosto de Orlando Villas Boas.

(matéria publicada no Estado de São Paulo)